

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
ESCOLA DA TERRA

TONY SANTOS RIBEIRO

SEMANA DA RESISTÊNCIA:
PERGUNTAS DO SENSO COMUM RESPONDIDAS PELOS ALUNOS DO
COLÉGIO YVY PORÃ (TOMAZINA – PR)

LARANJEIRAS DO SUL
2024

TONY SANTOS RIBEIRO

**SEMANA DA RESISTÊNCIA:
PERGUNTAS DO SENSO COMUM RESPONDIDAS PELOS ALUNOS DO
COLÉGIO YVY PORÃ (TOMAZINA – PR)**

Relato de Experiência apresentado ao curso de Aperfeiçoamento do Programa de Formação Continuada Escola da Terra da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Pontarolo

LARANJEIRAS DO SUL

2024

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....4

2 DESENVOLVIMENTO.....6

Questionários.....6

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....11

Referências.....12

Anexo

A.....13

Anexo

B.....15

1 INTRODUÇÃO

A experiência dos trabalhos apresentados na semana da resistência foi extremamente gratificante especialmente este ano letivo, porque é um ano de implantação do ensino médio no qual estávamos com grande expectativa nos jovens alunos, dada a constatação do potencial deles tanto enquanto estudantes, na apropriação dos conteúdos escolares, quanto na formação individual dos mesmos, no sentido de emancipação e empoderamento, expectativas essa principalmente dos líderes da comunidade e também especialmente, porque a comunidade vem passando por graves problemas de saúde mental que afeta de maneira geral o desenvolvimento de todos os alunos.

A elaboração das propostas de trabalho se deu desde o início do ano letivo de 2024, mais especificamente nos dois dias de estudos e planejamento bem como no decorrer dos meses que antecederam a semana do dia 15 a 19 de abril.

Neste sentido, entre as propostas pensada e discutidas com os professores, surgiu a necessidade de combater os termos racistas usados para definir genericamente ou difamar os povos indígenas, ou seja, o senso comum que impera na sociedade envolvente e que gera bastante preconceito e racismo para com os povos indígenas. Diante dessa demanda foi pensado primeiramente uma entrevista com o cacique com o objetivo de que a fala do cacique em relação ao tema, pudesse ser um ânimo a mais para desenvolver o espírito de liderança específico de cada aluno e assim iniciar a pesquisa em relação aos termos, para que os alunos construíssem argumentos bem fundamentados sobre os mesmos. A conversa com o Cacique foi muito proveitosa porque o mesmo tem grande conhecimento das leis e direitos indígenas e consegue compartilhar com entusiasmo seu espírito de liderança, cobrando dos jovens também essa liderança desde já.

Dessa forma, após deliberar com toda a equipe sobre o nome que receberia a sala temática a qual se propunha o produto desse trabalho, decidimos conjuntamente por: PRECONCEITO CONTRA A EXISTÊNCIA INDÍGENA. Para a realização desta sala temática foi realizado primeiramente a seleção dos vários comentários ou frases feitas mais comuns que são ditas frequentemente na sociedade. Depois foi realizado um debate em sala, sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca de como se defender verbalmente diante de situações do tipo; e num terceiro momento foi orientado aos alunos que realizassem uma pesquisa para fundamentar suas respostas. Na última etapa, foram confeccionados cartazes com

as perguntas do senso comum e outros com as respostas fundamentadas. Assim, no dia 17/04 data da apresentação dessa sala temática, os visitantes de outras escolas puderam visualizar, fazer a leitura e ouvir dos anfitriões, cacique e diretor da escola, o quanto é necessário conhecer para respeitar.

2 DESENVOLVIMENTO

O preconceito contra os povos indígenas ainda é um fato marcante da sociedade brasileira, que desde a invasão e colonização europeia até os dias atuais nega e inferioriza o jeito de ser dos povos indígenas, de uma forma em que o senso comum impera nesta relação e a sociedade civil arrota opiniões generalizadas sobre os povos indígenas evidenciando assim, toda a sua falta de conhecimento. Neste contexto, como a escola indígena trabalha numa perspectiva da interculturalidade e visando uma abordagem mais interativa entre alunos indígenas e não- indígenas, após todas as deliberações entre a equipe docente responsável pelo tema, foram elencadas algumas questões prontas do imaginário comum em relação à cultura indígena, das quais seguem abaixo destacadas:

1. Por que tanta terra se vocês nem plantam?

Na verdade, não é que a gente tem tanta terra hoje, não temos nem a metade das terras que tínhamos.

O processo histórico e o registro histórico mostram que os povos indígenas foram expropriados de suas terras porque a visão de mundo e a forma com que lidam com a mãe terra não combina com as práticas capitalistas. Quando o invasor viu as extensas florestas e o retorno lucrativo que isso poderia gerar, começou então a construir o estereótipo de “índio vagabundo” para poder explorar os territórios indígenas como fazem até os dias de hoje. Vale ressaltar que a forma de sobrevivência indígena sempre esteve basicamente em ter o que comer no dia em que estava vivendo ali no momento com sua família e não na ideia de usufruir de todo o espaço para gerar riqueza ou ganhos elevados com plantações em grande escala. Havia sempre a preocupação com o descanso da mãe terra, por isso quando eles utilizavam o recurso de um determinado espaço eles mudavam para outro até descansar e reflorestar naturalmente. Tínhamos uma lógica de utilização que visava o compartilhamento e a sobrevivência, a cooperação e a vida em harmonia.

Por isso também transitavam com frequência o estado brasileiro e formavam comunidades em todo esse território. Dessa forma o Brasil todo se identifica como território indígena e estaria livre do fim se toda a gente respeitasse a mãe natureza apenas para as nossas necessidades básicas.

Quando tivemos nosso território invadido, surgiu a lógica da acumulação e a propriedade privada, essa lógica nos empurrou para a marginalidade e através dela nos julgam que temos muita terra, e que não plantamos nela, esse pensamento é falso, uma vez que, quais os parâmetros utilizados para dizer que temos muita terra e que não plantamos? (resposta sistematizada na fala do cacique e diretor indígena)

2. Por que os índios são preguiçosos?

Esse pensamento de que “índio é preguiçoso” oriundo de um processo histórico que envolve preconceito e racismo. Ele tem como base a visão e a lógica capitalista, que não existia na concepção indígena, que se baseava na ideia de subsistência somente para a necessidade diária. Os povos indígenas estão em suas terras há milhares de anos, vivendo de maneira relativamente harmoniosa e com uma lógica de cooperação. Nós indígenas sofremos no passado e continuamos a sofrer no presente, essa discriminação é uma forma de justificar o roubo de nossas terras. Essa pergunta ou afirmação serve então para roubar nossas terras e delimitar territórios indígenas, em suma, é um pensamento que reflete o senso comum que é utilizado como ferramenta para a não demarcação de terras e a tomada das existentes, pois, já que são preguiçosos porque devolver as terras à eles?

3. Vocês moram em ocas?

Entre os grupos indígenas há muitas formas de conceber e construir as casas, pois cada grupo tem um jeito diferente de pensar e de se relacionar com o ambiente onde vive. A casa é sempre parte da cultura de um povo. A maneira como ela é usada, dividida e construída reflete o jeito que os moradores têm de organizar o mundo. Além disso, as construções variam muito de acordo com o modo de vida, o clima, o tipo de ambiente e os materiais de que os grupos dispõem para a construção onde vivem. As formas das casas variam segundo os costumes de cada grupo: podem ser circulares, retangulares, pentagonais ou ovais. O formato das aldeias também muda de acordo com o povo. O contato com os não indígenas influenciou em muitas mudanças ocorridas tanto no formato de aldeias e casas, quanto no material utilizado para a construção em algumas sociedades indígenas, mas oca, é uma palavra inventada por não indígenas para designar o lugar de

moradia dos indígenas, cada povo tem sua própria denominação para a construção de suas casas.

4. Vocês andam pelados?

Não, não há relato na memória dos mais velhos de que nosso povo, no caso, os Guarani Nhandewa, andavam “pelados”. O ideal de “índio pelado” foi criado para justificar a imposição das vestimentas da cultura ocidental. Antes da chegada dos colonizadores nossos ancestrais já usavam vestes tradicionais. “Nós indígenas aqui do Pinhalzinho, de acordo com relatos de memória dos mais velhos, sempre nos vestimos, sempre tivemos nossas vestes tradicionais (também dos homens e das mulheres) mesmo antes da chegada dos colonizadores, nossos ancestrais usavam suas vestimentas necessárias à sua realidade na época. Com a imposição de valores culturais e sociais dos não indígenas, foram obrigados a adequar as roupas, se vestir como eles e aqui estamos nós hoje.

5. Vocês são índios, porque usam celular?

Nós usamos celular sim, porque não poderíamos? Somos seres humanos e temos os mesmos direitos que vocês, assim como vocês se apropriam da nossa cultura, nós nos apropriamos do conhecimento de vocês também, igual vocês usam nossas pinturas sagradas como decoração, nós usamos a sua tecnologia para o nosso benefício. O fato de usarmos não nos torna mais ou menos indígenas, assim como vocês não deixam de ser brasileiros por usarem coisas de outro país, de outros povos.

6. Vocês recebem salário do governo?

Não, o fato de ser indígena não nos dá o direito de receber salário, o dinheiro que recebemos é fruto do nosso trabalho enquanto artesão (artesanato indígena - cestos, colares, pulseiras, cocar, peneira, objetos de madeira, etc.) e renda complementar com venda e troca proveniente do cultivo de mandioca, abóbora e milho ou outros plantios; Outros trabalham dentro do tekoa com os cargos disponíveis na Escola e Posto de saúde e muitos precisam sair da comunidade para trabalhar na cidade em diversas áreas, e também tem algumas famílias beneficiárias

dos programas sociais do governo e aposentados. Nós não recebemos um salário do governo. Os jovens recebem uma bolsa de estudo quando passam no vestibular indígena e ingressam numa faculdade/universidade. Reforçamos aqui que vivemos numa sociedade capitalista e como tal infelizmente temos que sobreviver na lógica do lucro.

7. Por que vocês não falam a língua de vocês?

Nós Guarani aqui do Tekoa Pinhalzinho, falamos sim, nossa língua dentro do nosso território, mesmo que seja agora com timidez, pois perdemos muito dela no processo histórico do qual até fomos proibidos por leis em outras épocas de falarmos a nossa língua. Já sabemos da necessidade de revitalização da nossa língua mas muitos de nós, mesmo fluentes na língua ancestral, ainda não temos segurança e só a utilizamos nos espaços sagrados ou entre nós na escola, nos cantos, nos rituais, pois diante do não-indígena que não entendem nossa linguagem somos alvos de piadas, além do mais não temos espaço para a nossa língua na sociedade brasileira que valoriza muito mais línguas estrangeiras do que as nativas e não criam políticas públicas de fortalecimento e uso das mesmas nos mais diversos setores dessa sociedade.

8. Vocês tomam banho?

Sim, tomamos, aliás essa é uma pergunta irrelevante já que em muitos documentos históricos traz que, quem não tinha o hábito de banho eram os europeus, aliás, quando os portugueses invadiram o Brasil, um lugar muito quente, observaram que nossos ancestrais tinham o hábito de se banhar nos rios e esse também era um dos motivos para morar próximo de um rio ou mar. A questão da falta de higiene corporal é uma questão particular que varia de pessoa para pessoa e não da cultura de um povo.

9. Vocês têm muitos privilégios?

Em nosso entendimento enquanto povo Guarani, temos o privilégio de sermos filhos da Mãe terra e entendermos o quanto precisamos defender a natureza para que continuemos vivos. Também temos o privilégio de andarmos livremente e em

segurança em nossa comunidade, viver em comunidade é um privilégio que jamais devemos perder. Temos várias conquistas e direitos garantidos em Lei, mas que não são efetivamente respeitados, mas privilégios não temos, caso contrário não viveríamos à margem da sociedade, marginalizados e sofrendo todo tipo de preconceito, lutando para existir e ser respeitado.

10. Por que vocês na pandemia foram uns dos primeiros a tomarem vacinas?

De acordo com pesquisas da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde, esclarece que os povos indígenas foram grupos prioritários na campanha de vacinação da COVID-19, uma vez que há comprovação que são vulneráveis aos sintomas gripais, assim, fizemos parte dos grupos que seriam imunizados primeiramente, em conformidade com as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) e às recomendações da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) para reduzir os impactos da pandemia entre as populações indígenas de todo país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo do Projeto foi possível observar a indignação dos alunos a essas questões que impera na sociedade brasileira, e diante disso,

realizaram com bastante empenho as suas respostas, baseadas nas falas do cacique, diretor e outras presenças indígenas na própria escola, bem como em fontes bibliográficas de renome, pois essa atividade tinha muito significado para eles, ou seja, é o que vivenciam nas suas interações fora da comunidade, nas redes sociais ou quando recebem visitas na comunidade.

Em contrapartida, ao recepcionar os alunos assim como professores visitantes na semana da resistência, o que se percebeu é que realmente os mesmos tinham exatamente essa visão retrógrada da realidade dos povos indígenas, como se fosse normal ter este pensamento de uma cultura congelada no tempo, sendo que as perguntas direcionadas por estes se baseava também exclusivamente pelo senso comum.

Isso nos remete a considerar o quanto ainda é importante e necessário um trabalho de desconstrução da leviandade do imaginário comum, combatendo o preconceito não somente com campanhas de conscientização nas datas comemorativas; ao contrário, o que será capaz de combater efetivamente o preconceito, realmente é o conhecimento, sem o qual, não há como transformar a sociedade que em pleno século XXI continua alienada da realidade de construção do Brasil, ou seja, não conhece a própria história e se não conhece a tendência será a de perpetuar essa alienação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos dos povos indígenas: uma questão de justiça**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

LIMA, L. A. **Educação e diversidade: práticas pedagógicas para a inclusão de povos indígenas**. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte, 2015.

VIEIRA, L. M. **Educação intercultural: desafios e possibilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Educação, 2017.

ANEXO A – Cronograma de atividades

Segunda – feira (15/04/24)
7:30 - 11:50 - Organização das salas temáticas. 13:00 - 17:20: Pintura das argilas.
Terça – Feira (16/04/24)
7:30 - 9:00: Pintura corporal. 9:00 - 9:30: Recebimento das escolas visitantes. 9:30- 11:00: Abertura da semana de resistência com canto, apresentação dos artefatos religiosos; ● Xondaro (a dança dos guerreiros) ● Apresentação das salas temáticas 13:30 - 17:20: confecção de artesanato (oficina).
Quarta- Feira (17/04/2024)
7:30 - 9:00: Organização dos alunos para a apresentação das salas temáticas; 9:00 - 9:30: Recebimento das escolas visitantes; 9:30 - 11:00: Apresentação das salas temáticas.
Quinta- Feira (18/04/2024)
7:30 - 9:00: Organização dos alunos para a apresentação das salas temáticas; 9:00 - 9:30: Recebimento das escolas visitantes;

9:30 - 11:00: Apresentação das salas temáticas;

- Apresentação do grupo de canto kyrigue mbaraete.

13:00 - 14:00: organização e recepção das escolas visitantes.

14:00 - 17:20: Apresentação do teatro: Organização do tekoa;

- Desfile das profissões;
- Paródia do tekoa;
- Cantos;
- Xondaro (Danças dos guerreiros)

Sexta- Feira (19/04/2024)
7:30 - 11:30: Gincana da Resistência

ANEXO B – Fotos das atividades realizadas



